

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

CAROLINA CARVALHO DURVAL

**ADOLESCÊNCIA CRÔNICA**

MARIANA

2021

CAROLINA CARVALHO DURVAL

**ADOLESCÊNCIA CRÔNICA**

Memorial descritivo de produto apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa.

MARIANA

2021

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

D967a Durval, Carolina Carvalho.  
Adolescência Crônica [manuscrito]: -. / Carolina Carvalho Durval. -  
2021.  
45 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa.  
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro  
Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .  
ISBN: 978-65-00-20833-7.

1. Adolescência. 2. Crônicas. 3. Meninas - Conduta. 4. Mulheres -  
Conduta. 5. Psicologia do adolescente. I. Barbosa, Karina Gomes. II.  
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 347.64

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador  
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Carolina Carvalho Durval**

### **Adolescência Crônica**

Projeto experimental apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 28 de abril de 2021

#### Membros da banca

Dra. Karina Gomes Barbosa - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Dra. Marta Regina Maia (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Dra. Dayane do Carmo Barretos (Universidade Federal de Minas Gerais)

Karina Gomes Barbosa, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 20/05/2024



Documento assinado eletronicamente por **Karina Gomes Barbosa da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/05/2024, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0713185** e o código CRC **849A47ED**.

Para a minha mamãe: nós conseguimos!

## AGRADECIMENTOS

Nas páginas seguintes estão relatados e referenciados todos os meus maiores momentos de angústia na construção de um produto jornalístico do qual me orgulho imensamente não só de ter escrito, mas também de ter idealizado. Porém, como em todas as coisas que faço na vida, nada disso teria sido possível sem o apoio e amor que encontrei ao longo do meu caminho, não só na Universidade, mas também durante toda a vida.

Agradeço, primeiramente, à pessoa mais importante da minha vida e maior incentivadora dos meus projetos e sonhos: a minha mãe. Mamãe, me apaixonei por livros, porque você lia para mim todas as noites antes de dormir e porque me acostumei a te ver sempre com romances de capa surrada bem posicionados na cabeceira da cama. Amo ler, porque amo você e me espelho em tudo o que faz e esse é apenas um dos motivos que faz com que você mereça o maior dos meus agradecimentos. Espero que esteja orgulhosa de mim.

Papai, eu sei que você nunca gostou muito dessa história de eu querer ser jornalista, mas respeitou a minha vontade e patrocinou meu objetivo, agradeço imensamente por isso. Espero que a leitura desse livro te faça entender como eu amo o que faço e como desejo fazer isso por toda a minha vida.

Tia Jerusa, tio Rubens, tia Marly, tio Aroldo, tia Lalada, tia Suely, Wal, tia Áurea e tio Nelson, obrigada por vibrarem com as minhas vitórias e por estarem sempre preocupados com o meu progresso. Vocês são parte super importantes na minha vida e na minha caminhada acadêmica. Foi para vocês que eu pedi carona, estadia e muitas outras coisas ao longo dos quatro anos que passei morando fora. Vocês nunca me negaram nada, desde uma carona para ir a Mariana fazer minha matrícula, até cuidar tão bem da minha mãe, perto ou longe. Obrigada, de coração.

Aos meus amigos queridos, companheiros de tantos anos, agradeço por sempre continuarem comigo e por nunca, nunca mesmo, terem deixado eu me esquecer de quem eu sou. Alinny, Ananda, Anna, Iago, Iana e Mauro, vocês são, com toda a certeza, as pessoas mais legais do mundo inteiro. Que sorte a minha ter sido escolhida por cada um de vocês. Obrigada por serem sempre tão presentes e sinônimo de certeza, acolhimento e amor.

Aos grandes amigos que fiz durante a minha jornada na universidade, preciso agradecer por entenderem quem eu sou, me amarem tanto e me ajudarem em todas as situações malucas da vida fora da casa dos pais. Letícia, Malu, Magal, Marcelo, Mumu e Vítório, não tenho palavras para descrever toda a saudade que sinto de dividir os meus dias, loucos e felizes, com vocês. Fui tão feliz em Mariana, vocês são parte importante disso. A

vida fora de casa não seria a mesma sem vocês por perto. Obrigada por serem tão presentes e tão especiais para mim. Dani, Iara, Jéssica, Joice, Larissa Helena, Márcia, Stefanny e Yas, obrigada pelos conselhos incríveis e momentos inesquecíveis juntas. Cresci muito me espelhando nas grandes mulheres que são. À Narrian e à Hannah, por terem me acompanhado e dado tanta força durante o processo de escrita do livro, vocês são maravilhosas. Ao André, por ter encantado meu último ano em Mariana, e por entender as minhas ausências durante o processo de escrita desse livro e se emocionar com cada feito meu como se fosse seu também.

Ivan, eu não me esqueci de você, mas é que eu não tinha como falar de você sem ser assim. Você é o melhor presente que a UFOP me trouxe. Você fez parte de todos os meus feitos na universidade, como estudante e como pessoa. Desde que eu te conheci, minha vida mudou para melhor, porque eu descobri como é ter um irmão. Guardo os nossos dias juntos como a coisa mais preciosa dos últimos quatro anos. É tão bonito saber que existem pessoas como você no mundo e que você escolheu a mim para ser sua dupla oficial em tudo. Eu jamais saberia te agradecer por topa tudo para me ajudar e por ser tão leal a mim. Você é uma das pessoas que eu mais admiro na vida. Você é enorme e o mundo é seu, não se esqueça nunca disso e nem de mim, por favor.

Agradeço aos professores e professoras do jornalismo UFOP por todos os ensinamentos, dentro e fora de sala de aula. Em especial agradeço a Cláudio Coração, Marta Maia e Ricardo Orlando, por terem acreditado em mim não só como aluna, mas também como futura jornalista. Agradeço pelas oportunidades a mim oferecidas e pelo carinho que sempre tiveram comigo. Muito obrigada mesmo, vocês são grandes referências para mim. Agradeço também à minha orientadora Karina Barbosa, por ter acreditado nesse trabalho e confiado em mim. Te admiro tanto, mas tanto, que não saberia colocar em palavras. Esse trabalho é nosso, eu jamais teria conseguido sem a sua ajuda. Tenho você como referência em tudo o que faz e é uma honra me tornar sua colega de profissão. Espero que a gente se encontre muito por aí.

À Miriã Bonifácio, pelo lindo e sensível projeto gráfico que dá forma e cor a esse livro. Você captou direitinho tudo o que eu queria passar, mesmo antes de poder ler as crônicas do trabalho. Obrigada pela disponibilidade, dedicação, carinho e paciência comigo e com esse livro. Eu nunca poderia ter escolhido alguém melhor para esse trabalho. Seu talento e bom gosto me admiram muito, obrigada por entrar nessa de cabeça comigo.

À Verbalize Jr e a todos que passaram por lá, pelos momentos mais desesperadores e pelo aprendizado constante, me tornei uma profissional melhor, mais dedicada e responsável, graças aos erros e acertos dessa fase tão maluca. Sempre vou lembrar com carinho dos

momentos que vivi com a camiseta da Empresa Júnior que me tornou a líder que sou hoje. Muito obrigada por tudo, de coração.

À Umami, em especial à Day, Gabriel e Ray, por me colocarem sempre para frente e respeitarem meu tempo de adaptação e aprendizado. Sem falar na possibilidade de ter como espelho de liderança feminina duas mulheres tão maravilhosas e competentes, vocês foram, e são, fundamentais para que eu pudesse me transformar na jornalista que começo a me tornar agora.

Enfim, agradeço à UFOP, por me acolher de braços tão abertos e me proporcionar momentos e oportunidades que eu jamais imaginei viver. À cidade de Mariana, por ser meu lar durante os quatro anos que passei morando nas ruas cheias de pedras e casas coloridinhas. É nessa cidade que o meu coração está e é para onde eu quero sempre poder voltar.

Por último e, com certeza, mais importante, agradeço a cada uma das personagens desse livro e também às tantas outras garotas com quem conversei. Vocês me tiraram da minha zona de conforto e me ensinaram tantas coisas sobre a vida. É sério, estar perto de vocês foi, de longe, um dos maiores aprendizados que já tive. Vocês perfuraram a bolha da adolescência cor de rosa e mostraram para mim um lado que eu conhecia apenas superficialmente. Doeu colocar no papel as histórias que eu ouvi vocês me contarem, e espero ter feito jus, pelo menos um pouco, aos sentimentos de vocês. Obrigada, obrigada, obrigada. Vou me lembrar de vocês pelo resto da minha vida.



“Eu queria que essa mulher que fosse escrever e proclamar este império exclusivo para outras mulheres, outras soberanas desconhecidas, pudessem exclamar: eu também transbordo; meus desejos inventaram novos desejos, meu corpo conhece músicas inauditas. [...] O que significa essas ondas, essas inundações, essas explosões? Onde está a efervescência, mulher infinita que, imersa como estava em sua ingenuidade, mantida no escuro, conduzida pelo auto-desprezo do grande braço do parental-conjugal falocentrismo, não se envergonhou de sua força? [...] E por que você não escreve? Escreva! A escrita é para você, você é para você; seu corpo é seu, pegue-o.”

*“O riso da Medusa”, Hélène de Cixous*

## RESUMO

Este memorial consiste em reflexões bibliográficas, metodológicas e processuais acerca da elaboração do livro de crônicas *Adolescência crônica*. O livro aqui apresentado e discutido é composto de doze crônicas jornalísticas sobre a adolescência das meninas, escritas após observação e diálogo com diversas adolescentes de algumas cidades de Minas Gerais. Este memorial justifica-se, então, pela contextualização do processo de desenvolvimento do livro de crônicas a partir dos conceitos de adolescência, feminino, menina e escrita, e da construção editorial e gráfica do produto. Para além do referencial teórico, foi evidenciado, por meio de um diário de bordo, como ocorreram os encontros com cada uma das personagens.

**Palavras-chave:** Adolescência; Meninas; Feminino; Crônica; Livro

## ABSTRACT

This memorial consists in bibliographical, methodological and procedural reflections on the elaboration of the book of chronicles *Adolescência crônica*. The book presented and discussed here is composed of twelve journalistic chronicles about girls' adolescence, written after observation and dialogue with several adolescents from some different cities in Minas Gerais. This memorial is justified, therefore, by the contextualization of the process of developing the chronicles book based on the concepts of adolescence, feminine, girl and writing, and the editorial and graphic construction of the product. In addition to the theoretical framework, it was evidenced, through a logbook, how the meetings with each of the characters took place.

**Keywords:** Adolescence; Girls; Feminine; Chronicles; Book

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> - Moodboard referências visuais.....	27
<b>FIGURA 2</b> - Rosas.....	27
<b>FIGURA 3</b> - Paleta de cores.....	28
<b>FIGURA 4</b> - Fontes da capa.....	29
<b>FIGURA 5</b> - Papelaria Adolescência crônica.....	30

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. AS MENINAS NA MÍDIA.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 A MÍDIA E O PATRIARCADO.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 A ADOLESCÊNCIA DAS MENINAS.....</b>	<b>19</b>
<b>2.3 UMA ESCRITA FEMININA?.....</b>	<b>20</b>
<b>3. PAUTA ESTENDIDA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 O LIVRO.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1.1 PROJETO GRÁFICO.....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 AS CRÔNICAS.....</b>	<b>30</b>
<b>4. DIÁRIO DE BORDO.....</b>	<b>33</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>44</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Ao cursar a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, comecei a me questionar sobre os diversos caminhos que percorri durante a minha trajetória no curso de Jornalismo e os motivos que me fizeram chegar até essa graduação. Comecei a compreender, então, com maior nitidez, que foi na adolescência que meu interesse pelo fazer jornalístico despertou. Nessa fase da vida, eu começava a compreender as complexidades de ser uma mulher num mundo comandado por ideias patriarcais e, mais ainda, de ser uma menina adolescente nesse universo.

A elaboração de um livro de crônicas como produto do meu Trabalho de Conclusão de Curso, além de muito dizer sobre a minha experiência enquanto adolescente e leitora, visa buscar proporcionar para as adolescentes o mesmo encantamento com a leitura que eu pude experimentar durante esta fase da vida. Abordar temáticas e conceitos do universo adolescente de uma forma que busque dialogar “de igual para igual” com essas meninas, causando identificação com as crônicas e impacto por meio da leitura de algo que realmente consiga representar partes específicas desse universo, ainda que não represente todo o segmento. As crônicas desse produto falarão para as meninas a partir de experiências e olhares que foram meus enquanto adolescente e, também, da minha visão enquanto adulta sobre a adolescência das meninas na contemporaneidade. O objetivo é ecoar e registrar uma das vozes da mulher, que já passou por essa fase e que é capaz de entender e colocar em palavras o que, para as leitoras, pode parecer difícil, ou até mesmo impossível, ser traduzido ou discutido.

A adolescência e, nesse caso, as adolescentes, tratada por muitos como fase transitória, resiste nas beiradas entre não ser mais uma criança, mas ainda não ser uma mulher adulta. Ser menina adolescente diz muito sobre resistência, sobre uma fase de muitas mudanças corporais e emocionais, do inconstante, do sentimento à flor da pele, das paixões e das dores de se despir para o mundo e aceitar, de fato, o “sentir”. Este produto busca afetar os sujeitos e busca, também, fazê-los sentir. Mais do que tudo isso, busca resistir num universo tão complexo: o campo da Comunicação. Campo este que, por vezes, acaba reduzindo as meninas a revistas de moda, testes comportamentais, signos e opiniões de meninos sobre sua aparência, suas roupas e sua personalidade. Assim, o capitalismo encontrou, nas adolescentes, uma brecha para a sua atuação.

Nas páginas da Capricho, os espaços indissociáveis do jornalismo e da publicidade propagam que, hoje em dia, qualquer projeto de emancipação feminina implica, acima de tudo, a busca por mais “atitude” – outro termo de uso freqüente e

conceituação precária que remete, em linhas gerais, a um modo de proceder autônomo, caracterizado notadamente, no âmbito discursivo da publicação, pela interação criativa, expressiva e independente com o mundo das mercadorias, foco central de agenciamento, autoconfiança e resistência. (Freire Filho, 2006, p. 108)

Analisando as adolescentes como sujeitos ativos no processo comunicacional, é importante, portanto, tentar romper com os estereótipos e com o tipo de literatura que, ainda segundo João Freire Filho (2006), presumem ser tudo o que as meninas adolescentes desejam ler (moda, comportamento, beleza e garotos). Para o autor, o principal eixo da luta dessas adolescentes é a tutela de sua autenticidade, que é resumida, pelas revistas *teen*, como a concepção de valores e ideias que se baseiam na ideia de amparo aos objetos de construção da feminilidade. Assim, o que Freire Filho chama de “pós-feminismo dos anos 1990” coloca novamente em voga os elementos básicos que constroem a feminilidade. Dessa forma, essas revistas acabaram tornando o consumo, antes visto como um inimigo do movimento feminista, um artefato de expressão da personalidade e autenticidade das leitoras.

Na contramão do conteúdo disponibilizado nas revistas e em outros produtos destinados às adolescentes na atualidade, a escrita dessas crônicas deve ser permeada por aspectos pessoais e necessita carregar, a fim de atingir o interesse e causar identificação, um tanto do íntimo da menina adolescente. Trazer, incorporado ao texto, a sensibilidade e o olhar amplo sobre o feminino, que falta às revistas e à maior parte do conteúdo midiático dirigido às adolescentes, buscando compreender as diversas complexidades da adolescência e da agência das meninas. “As maneiras como pensamos sobre a agência e a resistência das meninas estão mudando, em parte, por causa de desenvolvimentos mais amplos e críticas à teorização sobre a subjetividade da juventude” (Harris e Dobson, 2015, p. 146)<sup>1</sup>

De acordo com Adrienne Rich (1971), a maneira como a jovem é retratada na mídia é, já há alguns anos, pautada/definida, em sua maioria, através de suas relações com os homens. Assim, há um modelo traçado para aquilo que é considerado aceitável que a jovem mulher seja: virginal, elegante, intelectual e discreta. Esse padrão interfere diretamente na forma com que as adolescentes se reconhecem, já que, o que os produtos comunicacionais que elas consomem, fazem esses padrões soarem como naturais. Consequentemente, essa representação afeta diretamente a maneira com que essa menina, ou mulher, se escreve.

Muito tem sido dito hoje sobre a influência que os mitos e as imagens da mulher têm sobre nós, que somos produtos da cultura. Acho que isso tem causado uma confusão

---

<sup>1</sup> “The ways we think about girls’ agency, and resistance, are shifting in part because of broader developments in and critiques of theorizing around youth subjectivity.”, tradução nossa.

peculiar para a jovem ou a mulher que tenta escrever, pois ela é especialmente suscetível à linguagem. Ela procura a poesia ou a ficção para encontrar a *sua* maneira de ser no mundo, já que ela também vem juntando imagens e palavras; (...) repetidamente se depara, na “força persuasiva masculina das palavras” da literatura, com algo que nega tudo o que quer fazer: encontra a imagem da Mulher em livros escritos por homens. (Rich, 1971, p. 71)

Este trabalho visa cruzar os caminhos da resistência da menina, da crônica como gênero jornalístico/literário e da escrita feminina. O lirismo, quando incorporado à crônica, confere paixão às palavras e às histórias. A possibilidade de contar o cotidiano de maneira poética, mas também jornalística, pretende trazer emoção e promover identificação através de uma visão relativamente lúdica, porém nada simplista da adolescência das meninas.

Consideramos relevante admitir que a dramática da adolescência feminina difere em relação à adolescência masculina, devido ao modo como ainda se dão as relações de gênero atualmente. Assim, reconhecemos a pertinência da realização de pesquisas que abordem separadamente “ser menina” e “ser menino”, não numa linha essencialista e abstrata, mas de modo atento às situações concretas de vida. Tal consideração se fundamenta na adoção da psicologia psicanalítica concreta como referencial teórico-metodológico que jamais desconsidera o contexto social, histórico, econômico e político em que estamos inseridos (BLEGER, 1963/2007). (Assis, 2019, p. 21)

Portanto, o primeiro passo para a construção deste trabalho foi buscar entender de que forma se dão as relações durante a adolescência feminina, tentando traduzir seus tensionamentos e especificidades. Em segunda instância, tentar compreender as diversas faces da crônica e trazer para o gênero a subjetividade da adolescência sem perder de vista sua relevância enquanto instrumento jornalístico.

No primeiro tópico do capítulo dois deste memorial, a discussão é sobre a representação das meninas na mídia e, também, sobre o processo de interlocução, tendo as adolescentes como consumidoras finais. Já no segundo tópico, tratamos da adolescência das meninas, das relações com o próprio corpo, sexualidade e desdobramentos da personalidade das adolescentes. O terceiro tópico levanta um questionamento acerca da escrita feminina, a consciência sobre ser mulher e os desafios de enfrentar os ideais patriarcais que tentam controlar a escrita das mulheres.

O terceiro capítulo traz a pauta estendida e os procedimentos metodológicos do projeto. Nele há uma breve contextualização e justificativa para a escrita e escolha do tema do livro. Logo após, é feita uma reflexão sobre o formato livro de crônicas, as escolhas do projeto gráfico e, também, sobre as características próprias da crônica como gênero textual.



O capítulo quatro trata-se de um diário de bordo que apresenta a descrição dos encontros com cada uma das personagens do livro, os desafios do processo de escrita e algumas das decisões e escolhas editoriais feitas na construção do projeto.

## 2. AS MENINAS NA MÍDIA

Com o objetivo de compreender o lugar ocupado pelas meninas adolescentes no campo da Comunicação, a fim de elaborar um produto que, de fato, dialoga com questões presentes nas realidades adolescentes, foi ampla a reflexão sobre a posição em que os produtos midiáticos inserem essas garotas. Principalmente nas produções audiovisuais e literárias brasileiras, o questionamento norteador na construção deste produto e, sobretudo, deste memorial, é: Quem são e como são representadas as adolescentes brasileiras?

Uma compreensão adequada da comunicação midiática, que envolve tanto as representações quanto as distintas formas de interlocução com crianças e adolescentes, remete ao entendimento da natureza complexa dos sujeitos envolvidos neste processo e seus contextos sócio históricos específicos. (Sampaio, 2005, p. 52)

Para Anita Harris e Amy Dobson (2015), as possibilidades e restrições vividas, atualmente, pelas jovens mulheres são muito distintas se comparadas às das décadas anteriores. “Outros observaram que as meninas foram silenciadas não apenas pela cultura *mainstream*, mas em pesquisas que buscavam desconstruir e criticar textos culturais voltados para meninas, em vez de estudar as próprias experiências, opiniões e expressões das meninas” (HARRIS e DOBSON, 2015, p. 150).<sup>2</sup> Levando em conta o silenciamento velado das meninas, podemos compreender que, ao mesmo tempo em que algumas formas de manifestação do patriarcado foram derrubadas, em especial maneiras mais explícitas e formais de discriminação feminina, as adolescentes ainda têm muito caminho a percorrer no que diz respeito à luta pelo reconhecimento da própria agência.

Nós nos vemos estendendo os limites da noção do sujeito racional e liberal, tornando-se consciente de sua opressão e se levantando contra ela, e, ainda assim, com um enquadramento e vocabulário que capta a complexidade das possibilidades contemporâneas. Muitas de nossas ideias feministas sobre a agência de meninas continuam circulando em torno de algumas ideias-chave que nos levam a esse impasse: as de escolha, empoderamento e voz. (Harris e Dobson, 2015, p. 148)<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> “Others have noted that girls were silenced not only by mainstream culture, but in research that sought to deconstruct and critique cultural texts aimed at girls rather than study girls’ own experiences, opinions and expressions”, tradução nossa.

<sup>3</sup> “We find ourselves stretching the limits of the notion of the rational, liberal subject becoming conscious of her oppression and rising up against it, and yet still short of a framing and vocabulary that captures the complexity of contemporary possibilities. Many of our feminist ideas about girls’ agency continue to circulate around some key ideas that draw us into this impasse: those of choice, empowerment and voice”, tradução nossa.

A partir desta perspectiva de agência das meninas, para Inês Vitorino Sampaio (2005), as formas de representação das crianças e das adolescentes em produtos midiáticos (jornalismo e publicidade, por exemplo) a partir da imposição de um padrão hegemônico, contribuem diretamente para gerar um processo de exclusão social daquelas que se encontram fora do modelo estabelecido pelas mídias. Assim sendo, as adolescentes têm resistido nas fissuras das imposições estéticas e patriarcalistas, sobre os corpos femininos, e jovens.

Por isso, a escrita direcionada para as meninas adolescentes deve se pautar em experiências, sensações e vivências das meninas, deve tentar falar de sentimento e abordar, subjetivamente, os mais diferentes tensionamentos que povoam o universo feminino desde a infância.

Discutir, pois, as questões da comunicação na perspectiva da criança e do adolescente significa partir do reconhecimento dessas contribuições a fim de construir uma visão integrada dos condicionamentos biológico e sócio-histórico que permeiam o processo permanente de definição e redefinição desses grupos etários. (Sampaio, 2005, p. 54)

Para Silvia Alexim Nunes (2008), o século XXI demarca o momento em que as mulheres deixam de ser subordinadas a um homem (seja ele membro da família ou líder religioso) e passam, então, a viverem como reféns do próprio corpo ou, como pontua a autora, do discurso jornalístico e publicitário que cerca a construção da feminilidade perfeita. Sendo assim, ela acredita que uma nova maneira de submissão foi instaurada, mas, dessa vez, liderada pela mídia.

Se as históricas do século XIX expuseram os conflitos femininos diante da moral familiar burguesa, na aurora do século XXI, as jovens anoréxicas e bulímicas desnudam as contradições às quais estão submetidas em nossos tempos regulados pela mídia, pela imagem e pelo espetáculo. (Nunes, 2008, p. 54)

Com a era da informação, a abordagem das adolescentes na literatura também se reinventou. Se antes as meninas adolescentes eram retratadas como ingênuas, perspicazes e heroínas, com o advento da tecnologia e a ampliação do acesso aos mais diferentes tipos de conhecimento, as adolescentes passaram, então, a serem retratadas como “aqueles que sofrem e nem sempre conseguem acabar bem, saindo das crises geralmente com atitudes bem humoradas” (Lima, 2004, p. 14). Isso porque o senso crítico das leitoras foi aguçado com o tempo, portanto, com o panorama mundial de globalização, elas passaram, então, a serem mais ativamente empenhadas em avaliar aquilo que lêem: “o adolescente é um bicho ético, que detesta a hipocrisia: está procurando em cada experiência nova um fundamento da arte de

viver. Para isso a verdade é essencial” (Oliveira, 1992, p. 5-6). Nesse sentido, as formas de construção da adolescência feminina, representadas nos produtos e processos comunicacionais, são cada vez mais problematizadas pelo público que as consome.

Embora não sejam, decerto, as únicas responsáveis pelos conceitos de masculinidade e feminilidade acolhidos pelas adolescentes, as revistas femininas juvenis encorajam as leitoras a construir sua identidade de maneiras genéricas específicas, em conformidade com poderosas expectativas sociais. (Freire Filho, 2006, p. 104)

É a partir desse arcabouço conceitual que este trabalho possui o intuito de evidenciar as meninas como únicas agentes sobre seus corpos, sentimentos e desejos, a fim de incentivá-las a aceitarem e compreenderem a resistência que os conflitos dessa fase representam.

## **2.1 A MÍDIA E O PATRIARCADO**

Para começar a entender como as meninas são retratadas na maioria das vezes pelos meios de comunicação, precisamos falar sobre como o patriarcado controla os corpos das mulheres, inclusive nas representações midiáticas. De acordo com Simone de Beauvoir (1970), os equívocos perpetuados em relação às mulheres encontram suas raízes em tradições antigas e narrativas históricas. A autora argumenta que essas percepções distorcidas mantêm sua influência sobre a contemporaneidade, moldando a maneira pela qual as mulheres são apreendidas e tratadas na estrutura sociocultural vigente.

Beauvoir explora, também, a maneira que as mulheres vivem suas vidas reais e como desafiam as expectativas sociais impostas a elas. Tal abordagem incita uma expansão da compreensão que transcende os estereótipos convencionais, suscitando uma contemplação profunda acerca do conceito de "gênero". Segundo essa análise, o gênero não diz respeito somente à dicotomia homem-mulher, mas também engloba a construção e a interpretação dos papéis de gênero na coletividade, com alguns indivíduos exercendo maior poder do que outros.

Isso denota que os indivíduos são designados a determinadas funções sociais que são predeterminadas na sociedade, fundamentadas em sua identidade de gênero. Esse fenômeno deriva da influência da socialização, que desde o nascimento nos impõe as expectativas culturais associadas aos papéis atribuídos a meninos e meninas.

Nesse sentido, Pierre Bourdieu (1998) sustenta que a demarcação entre as expectativas socialmente imputadas aos gêneros masculino e feminino é incorporada na nossa sociedade

como um elemento de natureza inata. Essa naturalização advém da consolidação das tradições arraigadas e dos modos de pensamento que endossam tal dicotomia, fomentando a percepção de que essas normas são imutáveis e perpetuamente válidas.

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objectos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser percebido (percipi) tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objectos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. (Bourdieu, 1998, p. 52)

Ainda segundo Bourdieu (1998), a suposta "feminilidade" manifesta-se como uma forma de conformidade com as expectativas masculinas, sejam elas palpáveis ou conjecturais, particularmente no que tange ao fomento da autoestima. Como resultado, a ideia de depender dos outros (não apenas dos homens) acaba sendo uma parte fundamental da identidade das meninas e mulheres.

## 2.2 A ADOLESCÊNCIA DAS MENINAS

*“(...) Vaidosa demais / Burra demais / Escandalosa demais / Ego centrada demais / Pretensiosa demais / Preocupada demais / E ocupada demais / Obediente demais / Suicida demais / Ai, eu tô gorda demais / Adolescente demais (...)”  
(**Apaixonada Demais** - Maria Mariana/ Domingos Oliveira)*

De modo geral, a adolescência é uma fase que configura mudanças nas formas de relacionamento entre o sujeito e o mundo. As diversas mudanças corporais e hormonais sofridas pela e pelo adolescente marcam um embate e um não reconhecimento, que podem vir a gerar insegurança da e do jovem em relação à sua própria figura.

Assim, é possível que, por estarem em uma fase de transição, entre o luto do corpo infantil para a elaboração de um novo esquema corporal mais adulto, surja uma condição de vulnerabilidade. (Assis, 2019, p 20)

Contudo, ainda que os traços da puberdade sejam comuns entre adolescentes de, por exemplo, gênero e classe social distintos, a forma como o enfrentamento dessas questões se dá é um fator que varia bastante a partir destes e de outros aspectos de raízes históricas, culturais e sociais. “Como nossa sociedade é complexa e multifacetada, sabemos que a adolescência poderá ser vivida de formas muito diversas conforme condições de classe, gênero, entre outras.” (Assis, 2019, p. 20).

Nunes (2008) discute a forma com que o corpo das meninas, durante a puberdade, começa a ser, também, um objeto regulador de suas ações e personalidade. Para a autora,

desde o início do século XXI, as mulheres foram levadas a viverem em função de uma ditadura instaurada sobre seus próprios corpos.

Ensinavam-se as jovens a temerem seu corpo sexuado, seus humores sangrentos, incentivando-as a adestrá-lo através de regimes dietéticos e atividades pouco estimulantes. Descrito como um corpo pouco evoluído em relação ao modelo do homem, infantil e primitivo, o corpo feminino foi pensado como hierarquicamente inferior e dotado de um excesso sexual desvirtuador e perigoso. (Nunes, 2008, p. 46)

Ainda de acordo com Nunes (2008), os corpos femininos são dados como um problema para as próprias mulheres. A todo tempo as meninas são levadas a tentar lutar contra suas curvas e particularidades recém chegadas à puberdade, para, então, atingir o ideal “exuberante” que a elas é imposto já nessa fase. “Para se sentirem belas as mulheres precisam lutar não só com a balança, mas também com os contornos de seus próprios corpos. Contornos que se delineiam na adolescência, (...)”. (Nunes, 2008, p. 49)

A puberdade é sem dúvida um marco na vida feminina, se instituindo a partir de mudanças corporais concretas e exuberantes. Reduzi-la a uma reinstalação de conflitos fálico edípicos ou a um narcisismo auto-centrado, me parece uma negação de toda uma outra dimensão dessa passagem, na qual a explosão da feminilidade se dá de forma tão ruidosa. Feminilidade que pode ser pensada como potência produtiva, com todas as suas dores e prazeres. (Nunes, 2008, p. 52-53)

Esse pensamento, que compreende o corpo feminino como ameaçador, contribuiu para que a psicanálise firmasse seus estudos através daquilo que era experiência das mulheres, tratando esse corpo como frágil e imperfeito (Nunes, 2008). Conforme ressaltado anteriormente, como é na puberdade que o corpo das meninas começa a tomar, então, as formas do corpo de uma mulher, é nessa fase, também, que as meninas estão mais suscetíveis a temerem e odiarem seus corpos e sua sexualidade. Isso porque, as adolescentes são, constantemente, expostas aos padrões estéticos impostos pela mídia e pela indústria da beleza, padrões esses que têm, cada vez mais, suas marcas femininas apagadas.

No caso das adolescentes, o assessoramento social costuma ser avaliado como ainda mais imprescindível. Afinal, presume-se que, neste período formativo fundamental da identidade e da subjetividade, época de experimentação e auto-afirmação, certos traços congênios da condição feminina (insegurança; suscetibilidade; volubilidade) tendam a estar exacerbados. A conquista de maior autonomia decisória relativa no campo do consumo, incrementada nas duas últimas décadas, converte este segmento da população num terreno ainda mais fértil para os discursos e a ação de expertos midiáticos e de agentes do mercado. (Freire Filho, 2006, p. 104)

Então, podemos compreender que a adolescência feminina está posicionada entre dois grandes desafios, o de ser adolescente e o de ser mulher (Assis, 2019).

### 2.3 UMA ESCRITA FEMININA?

Com o passar das décadas, a consciência feminina sobre os ideais patriarcais que regem nossas ações começou a despertar, também, em relação a esse controle no que diz respeito à escrita das mulheres. “O despertar dessa consciência morta ou dormente já afetou a vida de milhões de mulheres, mesmo daquelas que ainda não o perceberam.” (Rich, 1971, p. 66) A autora considerava “emocionante” viver a mesma época em que se inicia o manifestar da consciência das mulheres, tanto para as outras mulheres, quanto para os homens que, ainda que rejeitem a forma com que essa descoberta afeta suas vidas, também são impactados com essa mudança no pensamento naquele período.

Rich traz à tona, ainda, o conceito de “re-visão” como o olhar para trás a partir de um olhar diferente, o adentramento no texto a partir de uma nova percepção crítica em relação ao passado. Para a autora, essa “re-visão” é questão de sobrevivência para as mulheres.

Até que possamos entender as pressuposições em que estamos enraizadas, não podemos conhecer a nós mesmas. E essa vontade de autoconhecimento, para as mulheres, é mais do que uma busca de identidade: é parte da nossa recusa de uma sociedade autodestrutiva dominada pelos homens. (Rich, 1971, p. 66)

Assim, conhecer aquilo que era escrito no passado é importante para compreender aquilo que veio antes de nós e passar a assimilar, portanto, de maneira diferente o que conhecemos como inquestionável desde os primórdios. Essa “re-visita” deve tentar assimilar de que maneiras esses textos e demais escrituras de tempos passados direcionavam nosso olhar sobre nós mesmas, sobre a forma com que a nossa linguagem nos liberta ou aprisiona e sobre o fato de, cada ato de nomear, até então, ser majoritariamente masculino. Para, dessa forma, não perpetuar com essa espécie de tradição, mas sim para quebrá-la. (Rich, 1971)

Para quem escreve, e neste momento para a mulher escritora em particular, há o desafio e a promessa de uma geografia psíquica completamente nova a ser explorada. Mas há, também, um difícil e perigoso caminhar sobre o gelo, na tentativa de encontrar uma linguagem e imagens para uma nova consciência, com pouco do passado para nos apoiar. (Rich, 1971, p. 67)

Hélène de Cixous (1975) acredita que, ainda que as consequências e impactos do passado não possam ser apagados, o decorrido não deve ser determinante para o futuro. Assim

sendo, ela afirma que deve haver uma recusa em consolidar e repetir antigos ideais que atravessam as escrituras e que distanciam a mulher dessa mesma escrita.

É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre mulher e traga as mulheres à escrita, de onde elas foram tão violentamente distanciadas quanto foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com a mesma letal finalidade. A mulher precisa se colocar no texto - como no mundo, e na história -, através de seu próprio movimento. (Cixous, 1975, p. 129)

Segundo Rich, o julgamento masculino diante das produções artísticas das mulheres, seguido pelo desencorajamento e, também, pelo desencantamento feminino perante uma cultura majoritariamente controlada por homens, acaba gerando, às mulheres escritoras, uma série de problemas relacionados ao seu contato com a sua própria produção. Estes problemas estão no tipo da linguagem, de estilo e, também, na forma como as autoras acessam o seu próprio “eu”.

Para a autora, o tom que as mulheres dão ao texto é cauteloso e esforçado, quase sem conferir sentimento à palavra escrita, buscando, assim, pela afirmação masculina, tomando cuidado para não desaprovar e, também, para não parecer “exagerada” ou “louca”. Linguagem essa que Rich reconhece como uma forma de “proteger-se daquelas presenças masculinas”. (Rich, 1971, p. 69)

Nenhum escritor homem escreveu exclusiva ou principalmente para as mulheres, ou considerou a crítica das mulheres ao escolher seus assuntos, seu tema, sua linguagem. Mas, em maior ou menor grau, toda escritora escreve para os homens, mesmo quando, como Virginia Woolf, deveria estar se dirigindo a mulheres. Se chegamos a um ponto em que esse equilíbrio pode começar a mudar, em que mulheres podem deixar de ser assombradas não só pela “convenção e propriedade”, mas pelo medo internalizado de ser e de se dizer, então este é um momento extraordinário para a escritora - e leitora. (Rich, 1971, p. 70)

Dessa forma, a escrita das mulheres deve ser direcionada às outras mulheres, a fim de torná-las conscientes de sua história. Porém, levando em consideração que não há um tipo específico de mulher, mas sim mulheres que algo têm em comum: um imaginário infinito e, na maior parte das vezes, desconhecido e inexplorado. Cixous compara, ainda, a escrita com o corpo da mulher. Como algo que aprendemos a ter medo e vergonha de dominar, mas que, quando explorado, transborda. “Ao censurar o corpo, censura-se, ao mesmo tempo, o fôlego, a fala.” (Cixous, 1975, p.136) A escrita, assim como a entrega à sexualidade, é compreendida como um privilégio restrito aos “grandes-homens”.



Os verdadeiros textos de mulheres, textos com sexos de mulheres, isso não os agrada; dá-lhes medo. Causa protesto entre leitores, chefes de coleção e patrões no trono. Eu escrevo mulher: faz-se necessário que a mulher escreva a mulher. (...) (Cixous, 1975, p. 131)

É necessário que a mulher se escreva. Pois, é esse processo de escrita que viabilizará a realização de novas aberturas que possibilitem, então, a sua própria liberdade para que finalmente ocorram as modificações efetivas em sua história. Isto posto, a escrita faz com que a mulher retorne ao próprio corpo, antes apreendido, o que a levará de volta às suas próprias forças, sem carregar o peso da culpa por ser quem é. Cixous ainda pontua que acredita ter chegado o momento de a mulher começar a deixar as suas marcas na língua falada e escrita, o que ela nomeia como “Tomada da Palavra” pela mulher.

É escrevendo, de e para mulher, e assumindo o desafio do discurso governado pelo falo, que a mulher irá se afirmar é ocupar outro lugar diferente daquele que lhe foi reservado, em é pelo símbolo, ou seja, o silêncio. Que ela saia do silêncio aprisionador. Que não se deixe enganar aceitando por domínio a margem ou o harém. (Cixous, 1975, p. 137)

Por fim, não é possível limitar a escrita das mulheres a um só ato. Isso porque, essas muitas escrituras, não podem ser metodizadas, nem mesmo codificadas, pois estão localizadas fora, bem às margens, de todos os campos dominados pelo falocentrismo, o que inclui, também, a alçada filosófico-teórica: elas transbordam esse discurso.

### 3. PAUTA ESTENDIDA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*“Escutar é muito mais do que tu ouvir. Escutar é tu não interromper quando a pessoa está falando. É tu não esperar que ela fale uma coisa quando ela não fala o que tu quer e então tu acha que não está bom. Escutar é estar aberto para o espanto, é estar aberto para se surpreender. É tu te despir.” (MARIANO, Agnes. Eliane Brum e a arte da escuta. Em *Questão*, v. 17, n.1, p. 307-322, 2011.)*

Um livro sobre meninas e para meninas, de uma mulher que já foi menina. As crônicas são escritas a partir da perspectiva da minha própria adolescência. As histórias são narradas em primeira pessoa, mas nem sempre irão se tratar de transcrições de acontecimentos fidedignos à minha realidade enquanto adolescente, mas sim de temas que contemplem diversas realidades de meninas brasileiras, tendo minhas experiências e as experiências de outras adolescentes, que foram ouvidas durante o processo de apuração e elaboração das crônicas desse livro, como base para a construção destas narrativas, a fim de enriquecer e potencializar a voz narrativa.

O objetivo principal das crônicas presentes neste trabalho é o de estimular, nas adolescentes, suas mais diversas formas de agência, a partir de um viés subjetivo de escrita, que fale “de dentro para fora” das meninas. Pensando a adolescência, então, como fase decisiva e não somente como uma etapa transitória e de caráter efêmero. Tratar de temas recorrentes na vida das adolescentes, porém pouco discutidos, através de discursos acessíveis para o momento da vida em que estão posicionadas é o que move as palavras, presentes em cada linha, das crônicas deste produto.

A produção do livro não utilizou de entrevistas convencionais, mas sim de uma imersão no universo adolescente a partir de produtos comunicacionais (revistas, sites, blogs, séries, filmes e livros) e de diálogos mais profundos com as adolescentes, para, assim, tentar trazer à tona recortes sobre as múltiplas realidades do público alvo do livro atualmente.

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta — fria nas relações entrevistado—entrevistador — não atinge os limites possíveis da interrelação, ou, em outras palavras, do diálogo. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo. (Medina, 1986, p. 5)

Ainda de acordo com Cremilda de Araújo Medina (1986), “O diálogo é democrático; o monólogo é autoritário” (Medina, 1986, p. 7), sendo assim, a minha relação com as garotas, que dão vida às crônicas do livro, foi algo construído democraticamente. Isso porque não me

pautei em nenhum roteiro pré-montado ou perguntas fechadas ao conversar com as personagens, apenas apresentei a minha pesquisa e questionei se elas gostariam de fazer parte do projeto, ou, se não desejassem ter suas histórias narradas no livro, se poderiam apenas dialogar sobre qualquer assunto. Assim, as conexões entre nós se aprofundaram e, ao invés de mantermos um relacionamento entrevistadora/entrevistada, foi estabelecida uma escuta sensível, responsável por estabelecer um vínculo de confiança entre ambas as partes.

Para além da troca de experiências, informações, juízos de valor, há uma ambição ousada que filósofos como Martin Buber já dimensionaram: o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. Esta situação, que pode ser rotulada de ideal, se realiza no cotidiano, até mesmo em uma entrevista jornalística levada às últimas consequências. (Medina, 1986, p. 8)

Em 2011, ao ser entrevistada pela revista *Em Questão*, do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a jornalista Eliane Brum refletiu sobre o exercício da escuta e sobre a relevância de estar disposto a abandonar os preconceitos da sua perspectiva em relação ao mundo. Ela ainda elenca pontos valorosos para serem seguidos durante o processo de escuta, como, por exemplo, buscar fazer as entrevistas em locais que a pessoa se sinta confortável e sem limite de tempo. Para ela, conforme afirma em seu livro *O Olho da Rua*, “(...) a realidade é um tecido intrincado, costurado não apenas com palavras, mas também com texturas, cheiros, cores, gestos. Marcas. Também com faltas, excessos, nuances e silêncios” (Brum, 2017, p. 8), sendo interessante analisar pontos que extrapolam as falas do outro, como a expressão corporal, os movimentos e os silêncios da pessoa entrevistada.

Essa configuração tem como objetivo não só criticar as produções hoje em dia disponíveis para as garotas, mas, também, levar em consideração as nuances da fase em que as consumidoras desse livro se encontram. As crônicas deste produto objetivam causar, às leitoras, identificação com as temáticas e com o processo de escrita que busca ser subjetivo, assim como os conflitos e anseios próprios dessa fase da vida das meninas brasileiras.

### **3.1 O LIVRO**

Jorge Pedro Sousa (2001) explica brevemente, em seu artigo *Elementos do Jornalismo Impresso*, o conceito de crônica. “O termo crônica provém da palavra grega *cronos*, que significa tempo. Em conformidade com o sentido etimológico da palavra, o cronista é alguém

que escreve periodicamente para um jornal.” (Sousa, 2001, p. 288) Porém, mais adiante, o autor reflete sobre a existência de dois grandes tipos de crônicas. Sendo o segundo, o tipo de crônica que mais se aplica às crônicas presentes neste projeto.

Uma crônica também pode ser um espaço periódico ou ocasional onde o autor discorre criativamente sobre um determinado acontecimento ou assunto da actualidade, onde conta uma história ou onde fala de factos curiosos. Neste segundo sentido, a palavra crônica designa um género jornalístico criativo, o género jornalístico que mais se pode aproximar da literatura, independentemente da periodicidade com que o cronista é publicado. Deste ponto de vista, não é o carácter de regularidade na publicação que caracteriza a crônica enquanto género jornalístico. Este segundo tipo de crônica jornalística resulta da intercepção da subjectividade com as impressões e a criatividade de um cronista. Desta forma, este tipo de crônica estabelece fronteiras mais precisas com outros géneros jornalísticos que lhe possam estar próximos, como a reportagem. (Sousa, 2001, p. 292)

A partir deste conceito, mais amplo e menos ocluso, é possível compreender melhor o formato de um livro de crônicas. Já que o autor afirma que esse segundo tipo de crônica está mais próximo da literatura em si, independente de apresentar periodicidade ou não em sua publicação. Além do mais, Sousa toca em pontos importantes como a intangibilidade na escrita de textos do gênero e as sensações de quem os escreve.

Assim sendo, esse livro, assim como toda a ideia pensada sobre este trabalho, foi organizado no formato de 12 crônicas jornalísticas que narram partes das histórias de vida das personagens. As crônicas de caráter mais jornalístico possuem a finalidade de contemplar o gênero e o formato como objetos próprios da Comunicação, e as crônicas mais líricas e subjetivas desse produto tentam refletir as diversas faces que compõem o imaginário adolescente. Essa estrutura explicita, então, um desejo meu, fruto da necessidade de tratar esses sujeitos de uma maneira diferente dos arquétipos da garota adolescente presentes na grande imprensa.

Uma outra vertente importante das pesquisas tem se concentrado na abordagem das formas de representação da criança e do adolescente nas mídias impressas e eletrônicas, em seus diferentes gêneros (jornalismo, publicidade etc.). Essa tem se constituído em uma rica possibilidade de enfrentar a questão dos padrões hegemônicos difundidos pelas mídias e o processo de geração de exclusões de grupos sociais que fogem a tais padrões. (Sampaio, 2005, p. 56)

Dessa maneira, o livro, enquanto formato, tem como objetivo ser, de fato, um produto comunicacional, que contemple o fazer jornalístico em seu conteúdo, buscando reafirmar o seu lugar como produto de comunicação que é, neste caso, especificamente voltado para o público adolescente. Não somente um livro sobre adolescentes, mas também voltado a elas, com certas marcas geracionais e questionamentos mais característicos dessa fase.

O produto conta ainda com elementos pré-textuais: epígrafe, prefácio, sumário e nota sobre a obra; e elementos pós-textuais: posfácio, agradecimentos e sobre a autora. Sendo os agradecimentos posicionados ao final do livro propositalmente, para que seja uma forma de encerramento para ele.

Atualmente, o mercado de produção literária voltado para o público adolescente feminino é pautado, em sua maioria, em discussões pouco aprofundadas sobre as particularidades dessa fase. Uma vertente muito difundida é a de livros que narram histórias de personagens fictícias cujas preocupações são restritas a relacionamentos com garotos, problemas com a autoridade dos pais e cotidiano, nada convencional à realidade brasileira, no colégio. Outra faceta é a de livros de fantasia e personagens com poderes sobrenaturais. Ao escrever *Adolescência Crônica* tentei, ao máximo, me distanciar desse modelo de adolescência das meninas que é tão presente nos produtos voltados para essa faixa etária. Já que, durante a minha própria adolescência, consumi itens que seguem basicamente esse mesmo padrão, como as obras de escritoras famosas como Meg Cabot (*O Diário da Princesa* e *A Mediadora*), Lauren Kate (série *Fallen*), Stephenie Meyer (saga *Crepúsculo*), Paula Pimenta (*Fazendo Meu Filme* e *Minha Vida Fora de Série*), Patrícia Barboza (série *As Mais*) e Thalita Rebouças (série *Fala Sério*).

### 3.1.1 O PROJETO GRÁFICO

O projeto gráfico do livro foi feito por Miriã Bonifácio, egressa do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. As referências visuais para o projeto chegaram até ela por meio de uma pasta de referências no site [Pinterest](#), montada, em grande parte, de acordo com o que eu estava lendo, assistindo e ouvindo na época, mas também tendo em foco representações visuais que não infantilizassem a obra. A partir disso e das longas conversas que tivemos, nasceu a proposta de que o design do livro fosse clássico, mas, ao mesmo tempo, sem ser óbvio.

**Figura 1 - Moodboard referências visuais**

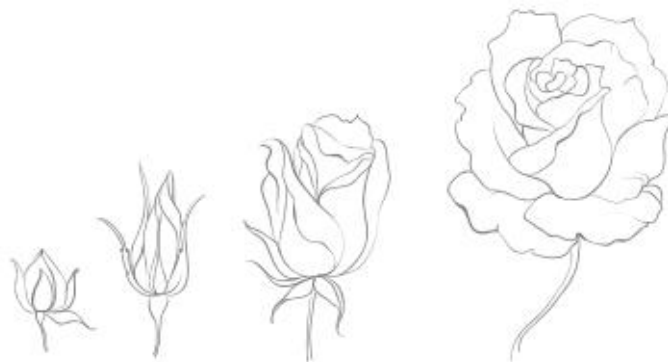


**Fonte:** elaboração da autora.

Um denominador comum de muitas das referências visuais pré-selecionadas era a presença das flores. Assim, a busca passou a ser, então, por uma flor que fosse comum a nós brasileiros, mas que, também, exprimisse uma certa delicadeza, dada a abordagem proposta e os cuidados que buscávamos. As rosas são flores muito diversas, que apresentam tonalidades de quase todas as cores, e se tornaram símbolos em muitas culturas e religiões, da Mitologia Grega ao Cristianismo, da ideia de mulher e de feminilidade.

Dessa forma, e compreendendo também a mensagem primeira que a adolescência nos passa, de momento e de desenvolvimento e construção dos sentidos, utilizamos graficamente a imagem da rosa em diferentes fases de seu crescimento, do botão ao desabrochar.

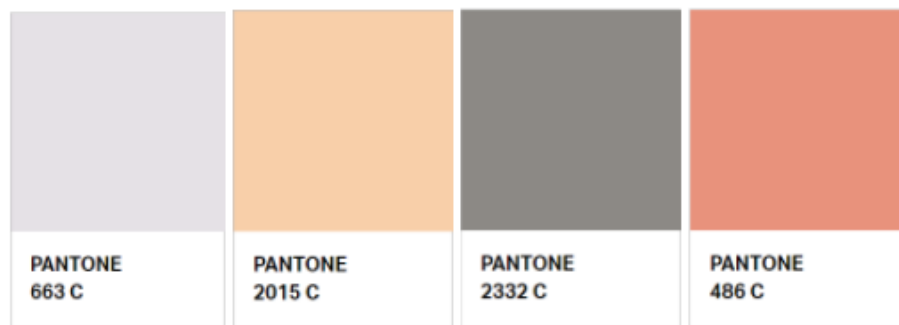
**Figura 2 - Rosas**



**Fonte:** Fundo vetor criado por kotkoa, com adaptações feitas por Miriã Bonifácio. Disponível em: <https://br.freepik.com/vetores/fundo>.

Após definir as rosas como símbolo visual, a paleta de cores foi estabelecida em um processo pouco linear, mas que se pautou na ideia de não querer pintar a adolescência como uma “fase cor de rosa”, já que muitas das histórias ouvidas e relatadas tratam sobre abusos, perdas, dificuldades e medos das personagens e, também, porque a cor rosa tem sido, há bastante tempo, associada à feminilidade pelo mercado, desde roupas e acessórios até o mercado editorial propriamente dito. Assim, chegamos ao *Pantone 486 C (rosé tangerine)*, uma tonalidade que traz, sim, a delicadeza do rosa, mas junto carrega a acidez do laranja. No fim, ela foi complementada por uma tonalidade mais clara, a *Pantone 2015 C (soft tangerine)*, e utilizada em fundos próximos à escala entre o branco e o preto, chegando ao *Pantone 2332 C (cinza frio)* e ao *Pantone 663 C (offwhite)*.

**Figura 3 - Paleta de cores**



Fonte: <<https://www.pantone.com/>>.

A escolha das fontes foi a parte mais desafiadora de todo o projeto gráfico. Várias foram testadas, mas o que prevaleceu foi a ideia de que a proposta é de um livro não somente sobre adolescência, mas para adolescentes também. Por isso, a fonte escolhida para o título estampado na capa do livro foi a *Springs Note-Bold*, uma tipografia que conversa com a ideia de escrita feita à mão, mas que não é muito elaborada. Despreocupadas ou despreziosas, fontes estilo *scrapbook* tiraram a suntuosidade que as rosas trazem e deixaram o aspecto um tanto quanto mais relaxado. Já a tipografia secundária, *Blooming Elegant Sans*, que teve como principal função compor a assinatura da autoria da obra, é um pouco mais formal, para demonstrar e devolver visualmente a seriedade com que o trabalho foi feito. Os demais textos do trabalho usam a fonte *Gambero* em diversos formatos (*thin, thin italic, medium, regular, regular italic e bold*).

**Figura 4 - Fontes da capa**

**Adolescência Crônica**  
SpringsNote-Bold

**CAROLINA CARVALHO**  
Blooming Elegant Sans

**Fonte:** Disponível em: <<https://www.myfonts.com/>>

Todo o caminho percorrido foi pensado na versão digital do projeto e em uma leitura na vertical com rolagem. Essa escolha se deu levando em consideração que o processo de apresentação e avaliação do trabalho será feito online e, também, os múltiplos formatos em que os livros são consumidos na atualidade, principalmente por jovens leitores, que são o foco do projeto. O formato é A5 e os elementos visuais e a disposição dos textos sofrerão algumas mudanças em uma futura versão própria para a impressão.

Além disso, também definimos um esboço de como seriam alguns possíveis materiais de impressão, que seguem a identidade visual do livro, e que seriam adjacentes à versão física do produto. São eles:

1. Livro impresso;
2. Marca páginas;
3. Caderno de anotações (rosas);
4. Caderno de anotações (folhas);
5. Artigo científico ou Memorial;
6. Cartão de recados assinados (Com carinho, Carol).



**Figura 5 - Papeleria Adolescência crônica**



Fonte: Miriã Bonifácio.

### 3.2 AS CRÔNICAS

Já que muitas reflexões acerca das crônicas giram em torno da concepção de que elas se tratam de um gênero “menor”, prefiro começar a pensá-las, então, a partir das suas menoridades. Segundo Lourenço Diaféria (1986) “A crônica é feita de cinzas. Do que restou, e do que deu para aproveitar.” (Diaféria, 1986, p. 18). As miudezas do gênero são o que, de fato, a tornam tão humana e, conseqüentemente, sedutora a seus leitores. Para Antonio Candido (1992), o fato de a crônica, e os cronistas, não serem tão aclamados quanto romancistas, dramaturgos e poetas é o que os trazem para tão perto de nós.

Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (Candido, 1992, p. 13-14)

Ainda segundo Candido (1992), a crônica ajuda a estabelecer, ou restabelecer, a verdadeira dimensão das coisas. O que significa poder pensar que a crônica e o cronista são capazes de traduzir o cotidiano, de permitir que o leitor compreenda melhor aquilo que o cerca, através de ensinamentos pautados em situações que ou realmente aconteceram, ou que poderiam facilmente ter acontecido. Isso muito tem a ver com o fato de que o gênero crônica ficou conhecido por estar nas páginas de jornais, sendo sua leitura efêmera e de caráter altamente transitório, já que, normalmente, não se guarda uma edição de jornal como se faz com um livro, por exemplo. A identificação e associação dos fatos relatados na crônica, atrelados à efemeridade do gênero, são capazes de desmistificar, portanto, a figura do escritor, que não necessariamente é alguém que tem uma visão “superior” de mundo.

Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo, consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um; (Candido, 1992, p. 14)

Para Diaféria, falar de “igual para igual” é uma das características mais atraentes da crônica. Isso permite que o leitor se identifique e incorpore àquele texto vivências pessoais e uma associação individual daquilo que se está lendo. A crônica, de fato, não nasceu com o jornal. Ela, na verdade, é um gênero textual bem anterior ao momento de popularização do impresso, chegou ao país na época da colonização portuguesa, quando os cronistas eram os responsáveis por relatar aquilo que estava acontecendo na terra recém descoberta. Apesar disso, é a partir desse momento que a crônica toma a forma que conseguimos facilmente identificar hoje. Sua estrutura é de leitura fácil e rápida, já que carrega marcas de oralidade e que relata situações específicas a partir de um recorte do “dia-a-dia”. “Sendo a crônica um texto pessoal (e intransferível?) ela tem características de uma conversa descompromissada, assumindo gostosamente o tom coloquial.” (Diaféria, 1986, p. 19).

Contudo, ainda assim, a crônica não possui regras rígidas de estrutura ou conteúdo, ela é permeada pela liberdade em sua construção e se desdobra em diversos aspectos. No século XX, o gênero se popularizou no país e, a partir desse momento é que alguns autores passam a compreendê-la como sendo, então, um gênero brasileiro. Para José Castello (2007) “(...) o que marca a crônica brasileira é que, em nossa literatura, ela se torna um espaço de liberdade.” (Castello, 2007, p. 1). É essa liberdade que este trabalho visou explorar em suas duas frentes: a do gênero textual e a da adolescência das meninas.

A relação estabelecida entre a construção da crônica um pouco mais lírica e o público ao qual ela se destina, neste caso, às adolescentes, pretende explorar um pouco mais do que apenas o lirismo do gênero textual. Sua elaboração, portanto, procura compreender, também, de que maneira essas ligações devem ser feitas, ao levar em consideração a subjetividade dessa fase da vida das leitoras. Trazer a escrita para a realidade de quem a lê é o que a torna fascinante. A identificação, a associação de ideias, o desconforto e a paixão que provoca no leitor são os sentimentos que fazem da crônica um gênero tão único e tão pautado nas vivências de quem a consome.

A crônica é a partir do momento de sua publicação. Então ela se fala, se encarna, se explica e justifica. Como uma ponte, que somente será ponte quando ligar suas extremidades, antes disso não passa de um projeto em execução, a crônica passa a existir quando completa o último elo de sua ligação: isto é, quando chega ao leitor. O leitor completa a crônica. O leitor dá personalidade de crônica ao texto. (Diaferia, 1986, p. 19)

Dessa maneira, nada faria sentido se as crônicas deste produto fossem escritas de maneira a ignorar os pensamentos e sentimentos das adolescentes. Falar somente sobre adolescência não é o suficiente, neste caso. A escrita para as meninas deve se pautar em sensações e vivências relatadas pelas adolescentes, deve falar, também, de sentimentos e abordar, jornalisticamente, os mais diferentes tensionamentos que povoam, em alguma medida, o universo feminino desde a infância.

Para escrever *Adolescência Crônica*, minhas grandes influências de estilo da crônica ao tom da escrita foram escritores brasileiros como Tati Bernardi, Maria Ribeiro, Martha Medeiros, Otto Lara Resende e Antonio Prata. Como exemplos de leituras base dos autores citados, destaco, respectivamente, os livros: *Depois a Louca Sou Eu*, *Tudo o Que Eu Sempre Quis Dizer*, *Mas Só Consegui Escrevendo*, *Feliz Por Nada*, *Bom Dia Para Nascer* e *Nu, De Botas*. Esses autores utilizam de uma linguagem mais direta, mais simples e sem muitas firulas, algo que considere imprescindível para um livro voltado para adolescentes. Algo que se afasta de um produto infantilizado, mas que, ainda assim, é franco e de fácil compreensão, alguns dos princípios básicos da escrita jornalística.

#### 4. DIÁRIO DE BORDO

Quando comecei a pensar neste trabalho, eu não fazia ideia de como tudo seria um grande desafio jornalístico, do início ao fim. Minha visão de adolescência, além de privilegiada, era ultrapassada. Aos 21 anos, ainda que a minha adolescência não estivesse tão distante, eu já não estava mais inserida nesse universo há, pelo menos, 3 anos. Isso levando em consideração que tomamos adolescência como a fase entre os 12 e os 18 anos. Sabendo que, na realidade, é um espaço bem mais complexo do que esse recorte que definimos de acordo com o artigo segundo Das Disposições Preliminares do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mas que serviu apenas de embasamento e não como limitação. Já que o período da adolescência é fluido, podendo se iniciar antes ou depois dos 12 anos e, também, terminar anos após a maioridade.

O primeiro passo para encontrar as garotas que são personagens do livro foi procurar a direção de colégios públicos e privados das cidades mineiras de Mariana, Ouro Preto e Coronel Fabriciano. Após me apresentar e explicar o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso, pedi para que, informalmente, pudesse fazer um trabalho de observação nessas escolas, assistindo a algumas aulas e participando dos intervalos. Porém, ainda que eu tenha recebido essa autorização desses quatro colégios, eu não possuía o consentimento dos pais ou responsáveis legais das garotas menores de idade.

Além do mais, o processo de apuração das histórias não foi tido no formato convencional de entrevistadora e entrevistada. Foram bate papos informais e que, em alguns casos, pude gravar áudio. Porém, como acordado previamente com as garotas e, também, com os colégios que me permitiram observar presencialmente a dinâmica do dia-a-dia escolar e interagir com as alunas, os nomes de nenhuma das adolescentes e de nenhuma das instituições de ensino foram citados, nem no livro, nem no memorial descritivo do produto. Essa postura foi adotada como forma de resguardar e preservar as identidades das referidas personagens, de acordo com os princípios da ética jornalística, previstos pelo artigo sexto, Capítulo II, do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. “É dever do jornalista: (...) defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias.” O que é assegurado, também, pelo ECA<sup>4</sup>. Conforme descrito no artigo 17º do Capítulo II, Das Disposições Preliminares, o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade

---

<sup>4</sup> Segundo a Lei nº 13.431, de 4 de abril de 2017, intitulada Lei da Escuta, a criança e o adolescente devem ser ouvidos e, também, devem expressar seus desejos e opiniões, assim como permanecer em silêncio.

física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Como o processo não ocorre de forma linear, tive grandes surpresas ao acabar conhecendo algumas personagens em locais diferentes, como na terapia, num ponto de ônibus ou, até mesmo, por meio de apresentação de alguns amigos que sabiam do meu projeto. Ao todo, tive cerca de trinta conversas com diferentes garotas. Contudo, algumas delas não se sentiram confortáveis em ter as histórias ficcionalizadas em um livro. Assim sendo, apesar de algumas histórias terem sido muito importantes para mim, não estão presentes no livro ou registradas em lugar algum. Em outros casos, a escolha de não inserir as tramas no trabalho foi minha. Algumas porque poderiam se tornar gatilhos muito fortes às leitoras, outras pela minha decisão de não construir narrativas focadas em relacionamentos amorosos ou garotos, de forma geral.

Finalizei meu trabalho de campo em março de 2020, de maneira um pouco abrupta, já que a interrupção se deu devido à pandemia da Covid-19. O processo de escrita das crônicas, durante a pandemia, foi algo muito desafiador e desconfortável. Eu não consegui ter a disciplina necessária para escrever, por causa do medo, da angústia e das incertezas que o período trouxe para mim. No entanto, não deixei de tentar. Essas tentativas, quase todas frustradas, eram dolorosas, porque não estava concentrada o suficiente no desenvolvimento do trabalho.

Quando, finalmente, me senti melhor e apta a retomar a escrita das crônicas, precisei pesquisar e me aprofundar ainda mais em cada temática. Foi uma técnica de imersão, em que o meu foco principal era, de fato, a vida e os relatos daquelas garotas. Às vezes, a leitura de um livro me aguçava a criatividade e me levava a escrever fervorosamente às duas horas da manhã. Fiz leituras muito necessárias nesse período, mas destaco as obras da escritora inglesa Jane Austen, e das crônicas de Otto Lara Rezende e Rubem Fonseca. Além das doze autoras brasileiras que deram nome às personagens: Cecília Meireles, Lygia Fagundes Telles, Jarid Arraes, Adélia Prado, Rachel de Queiroz, Hilda Hilst, Conceição Evaristo, Marilene Felinto, Lya Luft, Martha Medeiros, Ruth Guimarães e Clarice Lispector.

### **Crônica 1:**

Na primeira crônica do livro, intitulada “Sobre primeiras vezes”, a personagem principal é Cecília. Uma adolescente de 17 anos, estudante de um colégio privado. Nossa conversa, presencialmente, me envolveu bastante, porque me identifiquei muito com o seu jeito de ser e com algumas de suas vivências. Nossa conexão foi imediata, porque nós duas

estávamos usando a mesma mochila quando nos conhecemos e isso foi o suficiente para que ela mesma viesse até mim e iniciasse o papo. Logo de cara ela se prontificou a colaborar com o projeto e concordou que eu gravasse o nosso diálogo. Diferente de algumas outras personagens, Cecília fala muito e, com pouco tempo de conversa, já havia me contado várias das suas intimidades. A escrita desse texto foi, de longe, a mais fácil de todo o livro, por isso não houve reescritas substanciais desse texto durante o processo. Parte porque eu tinha bastante material para escrever sobre, parte porque me identifiquei muito com a história.

### **Crônica 2:**

A segunda crônica, “Afiml, quem somos nós?” narra os confrontos e as inseguranças de Lygia, ou Rubem. Passei mais de um ano tentando encontrar a melhor forma de contar essa história, fiz 5 escritas consideráveis dessa mesma história. E, ainda assim, a versão finalizada não passa totalmente a complexidade e as nuances que gostaria de ter conseguido transpor. Eu não poderia utilizar somente um nome fictício feminino ou um masculino, então optei por utilizar os dois e pela alternância dos pronomes. Conheci Lygia no banco de espera para a terapia, mas, quando se apresentou, foi com o nome Rubem. Então, é dessa forma que a/o tratei aqui. Rubem é um garoto trans que habita o corpo de uma adolescente de 15 anos de idade. Em alguns dias, ele me instruiu a chamá-lo de Rubem e a usar pronomes masculinos, mas, em outros, pedia para ser tratado como Lygia. No começo, ele não se abriu muito, conversamos informalmente, mas nenhum assunto parecia fluir. Até que começamos a falar sobre K-POP. Ela se alegrou muito em me ouvir tão interessada naquele tema, que antes era quase desconhecido por mim. Então, me contou várias histórias sobre esse universo, histórias essas que perpassavam diferentes e importantes momentos da transição e da vida dele no geral. Tivemos, além do primeiro encontro, mais outros três, dois deles foram gravados com a permissão dele e em dois outros entramos em um consenso de não gravar. Depois disso, mantivemos contato durante um bom tempo, até que ele acabou me bloqueando/excluindo de todas as redes sociais. Tentei outras formas de contatá-lo, para saber se estava bem, mas não consegui nenhum retorno, então respeitei o distanciamento. Ele foi o meu primeiro entrevistado e, com certeza, o pontapé inicial para o desenvolvimento do livro. Foi conversando com ele que percebi como já não conhecia muito do mundo das/dos adolescentes atualmente.

### **Crônica 3:**

Jarid é a personagem da crônica “Nos deixaram ansiosas”. A conversa com ela trouxe à tona um tema que é comum a todas as fases da vida, mas que, na adolescência parece se intensificar ainda mais: a ansiedade. No primeiro e único encontro que tivemos, ela me contou sobre as crises de ansiedade e os ansiolíticos. Tema que, para mim, é comum, já que, quando era adolescente, fui diagnosticada com ansiedade crônica. Porém, além da ansiedade, Jarid enfrenta também um transtorno alimentar, desencadeado pelo mau uso de medicamentos e pela pressão estética por ser uma garota gorda. Ainda que ela fale sobre bulimia e compulsão alimentar, Jarid não nomeia esses transtornos e nunca havia procurado ajuda profissional para tratar isso. Esse é um dos exemplos de história que eu gostaria de poder fazer algo para ajudar efetivamente, mas que, infelizmente, não era possível. Escrever sobre esse tema exigiu muito cuidado, pensei muito bem em cada palavra que escolhi, porque é um assunto muito delicado e realmente preocupante, que é realidade de muitas adolescentes não só dessa geração, mas de gerações passadas também. Nosso diálogo foi gravado e nós ainda mantemos contato via WhatsApp.

#### **Crônica 4:**

“Amar não pode doer” foi uma crônica que me trouxe muitos gatilhos, porque, ao escrevê-la, percebi e refleti sobre coisas que não tinha percebido anteriormente, ainda na conversa com Adélia. Uma menina de apenas 16 anos, ficou num relacionamento abusivo por dois anos, sendo coagida a ter relações sexuais com o então parceiro, sofrendo agressões físicas e psicológicas e que, mesmo com tudo isso, não queria que o namoro tivesse chegado ao fim, porque ela sentia que precisava daquele garoto para sobreviver. É uma reflexão muito incômoda, mas necessária para pensarmos que os abusos às mulheres, não tem faixa etária e nem classe social definidas. Me senti muito acolhida por ela, mas nossa conversa não foi gravada e, para ser bem sincera, eu estava desprevenida na única vez que nos encontramos: não tinha nem papel, nem caneta. Fui digitando algumas palavras-chave e frases dela no bloco de notas do meu celular, mas, de toda forma, foi uma história muito marcante e da qual eu me recordo de cada detalhezinho. Apesar disso, reescrevi esse texto cerca de três vezes até chegar à última versão. Adélia me passou o número de telefone dela, mas não manteve contato comigo por muito tempo.

#### **Crônica 5:**

Essa crônica, apesar de poder parecer inusitada a olhos adultos, foi sobre Rachel, mas poderia ser sobre várias outras das garotas que conheci. “Por trás dos filtros”, trata sobre um

tema muito citado por várias das adolescentes com quem conversei: a internet e as redes sociais. Rachel não foi a única influenciadora digital *teen* que ouvi, mas usei a história dela como centro desse texto, porque esse foi realmente o assunto mais abordado no nosso papo e, sem dúvidas, era o preferido dela. Desde a infância ela está inserida nas plataformas digitais, expondo sua imagem e alguns aspectos da sua rotina. Ela reconhece o Instagram como uma ferramenta de trabalho. Isso foi algo que me fez refletir muito sobre como estamos vivendo dentro desse universo e como nossas relações foram transformadas pelas mídias sociais. Então, escrever sobre isso me proporcionou vários momentos de reflexão em que escutei várias e várias vezes a conversa gravada. Tivemos somente um encontro, mas acompanho Rachel pelas redes sociais e vez ou outra nos falamos.

### **Crônica 6:**

Hilda também passou por um relacionamento abusivo e foi mãe aos 14 anos. A crônica “Amor de mãe” trata das relações e sentimentos entre mãe e filha. Talvez seja a história em que a minha presença como personagem do texto foi mais marcada entre as doze que compõem o livro, porque é um assunto que me toca muito, já que tenho uma relação muito próxima com a minha mãe. Hilda não é de falar muito, é bem tímida e a maior parte das nossas conversas - todas registradas - aconteceu pelo WhatsApp e, mesmo assim, ela não me contou muita coisa sobre si. A maneira com que ela narrou os acontecimentos da vida dela tinham como tema central a filha. Mesmo ao falar sobre namoros, escola e amigos, ela se baseava sempre na rotina da criança, por exemplo. Acredito que isso aconteça porque, de fato, a rotina de cuidados com a garotinha é intensa e acabou se tornando parte principal dos seus dias e, também, das suas relações. Como ela mesmo me disse, o nascimento da filha significou uma mudança enorme na forma com que ela encara as coisas. O que abre, inclusive, brechas para questionarmos se ela ainda é uma adolescente. Já que o papel que o “ser mãe” demanda dela não se encaixa no entendimento majoritário do que atualmente é/significa a adolescência.

### **Crônica 7:**

Conceição também foi uma das primeiras garotas, desse trabalho, que eu conheci. Foi no ponto de ônibus que fica em frente ao colégio público em que ela estuda. Me aproximei e puxei assunto logo depois de observá-la num episódio que relato na crônica em questão, “Solidão tem cor?”. Ela, a princípio, pareceu receosa em falar comigo. Mas acabou confiando sua história a mim. Essa também foi uma história difícil de narrar. Primeiramente porque me



falta local de fala, mas, também, porque eu não sabia muito bem qual recorte daria para o texto. Pensei em falar sobre lugar de fala, mas eu estaria falando diretamente apenas com meninas brancas, e essa não era a ideia. Acabei, por fim, decidindo falar sobre a solidão da garota negra. Fiquei receosa em muitos momentos e acionei algumas amigas para que pudessem me dar suas opiniões sobre a forma com que falei do tema. Escrevi essa história, do zero, três vezes. Nós nos encontramos duas vezes, sendo que, na primeira falamos muito pouco, mas falei sobre o trabalho e dei meu contato para ela, que alguns dias depois, acabou me chamando para conversar. O segundo encontro teve o áudio gravado e foi um dos mais longos entre todos. Nosso último contato foi no começo de 2020, aparentemente ela trocou o número do celular e como não tínhamos contato por outras redes sociais, não nos falamos mais. Conceição é uma adolescente que sente, desde a infância, o preconceito e os afastamentos causados pela cor, pelo tom da pele, pelos cabelos e pelo histórico familiar. Algumas das coisas que ela me contou me pareceram tão pessoais que preferi não relatar na crônica. Esse é um ponto comum em várias das crônicas, inclusive. O balanceamento, feito por mim, entre interesse público e as subjetividades das meninas. Foi um procedimento pouco sistematizado, em que eu levei em consideração a forma como cada parte das histórias foi contada a mim. Como o constrangimento que determinado fato causava, ou, algumas vezes, o medo de tratar daquele assunto em específico. Senti que era meu papel, como jornalista e *gatekeeper*, prestar atenção em cada um dos pequenos detalhes das expressões e falas, para resguardá-las ainda mais, mas tudo isso sem perder de foco a temática abordada e o compromisso com fontes e leitoras.

### **Crônica 8:**

A crônica “Te amo apesar de...” fala sobre as nuances das relações entre irmãos, mais especificamente, das relações de Marilene e seus dois irmãos. Ela é uma menina extrovertida e falante, que me deu informações o suficiente para eu escrever um livro inteiro só sobre ela. Porém, o recorte escolhido foi o que me aproximou ainda mais dela. Tivemos uma conversa cômica sobre ela e os irmãos e, assim que me pus a escrever o texto, eu já sabia do que iria falar. Os acontecimentos críveis da vida dela poderiam fazer com que alguém não achasse interessante para uma crônica, mas Marilene tem a essência do universo adolescente dentro de si, não dava para ignorar isso. Tivemos apenas uma conversa presencialmente, que foi gravada, e ainda nos falamos bastante via WhatsApp.

### **Crônica 9:**

Lya me levou a escrever “As mentiras que a gente conta” e eu me diverti muito narrando essa conversa que tivemos. Lembrar dos olhinhos brilhantes dela, fantasiando situações me faz querer voltar a ser adolescente. Mas, ainda que a sua criatividade seja admirável, fiquei irritada em grande parte do nosso bate papo presencial, porque senti que ela estava querendo me enganar com algumas mentiras. Aí entra o tema do texto: odiamos mentiras, mas adoramos mentir. Eu não podia julgá-la, até porque eu estava ali como sua ouvinte. Meu papel, como jornalista e cronista, era, também, o de escutar e questionar alguns pontos. Coisa que fiz, mas não estava ao meu alcance, e nem era minha vontade, constrangê-la a ponto de tentar obrigá-la a me contar a verdade por trás dos eventos narrados. A credibilidade, considerada um dos principais atributos de uma “boa fonte”, foi algo que me deixou receosa sobre incluir ou não essa personagem no livro. Porém, acredito que o viés do texto deixou claro o ponto em que eu queria tocar: foi por meio das fantasias e invenções que ela me relatou, que eu pude compreender melhor a história de Lya e consegui enxergar os motivos que, acredito eu, a levaram a idealizar aqueles eventos. Nossa única conversa foi gravada e me rendeu muitas risadas depois, mas não mantivemos contato durante muito tempo, acredito que devido à pandemia de Covid-19, já que a família dela atravessou alguns momentos difíceis durante essa fase.

### **Crônica 10:**

Escrever, e acertar o tom, na crônica “Ainda dá tempo”, foi outro desafio. Martha, a personagem principal, possui uma história de vida muito rica: ela é uma garota que foi adotada aos 8 anos de idade. Por medo de dar ao texto uma entonação de autoajuda ou motivacional, acredito que acabei tomando a narrativa para mim, em um primeiro momento. Depois, com vários ajustes, consegui explorar melhor o tema e a trajetória de Martha. Reescrevi, então, uma vez. Não tenho outra palavra para descrevê-la a não ser que ela é uma pessoa grata. Não quis trazer isso à crônica, porque senti que poderia fazer mal a garotas que têm uma história tão difícil quanto, mas que não conseguem ver as coisas de forma mais otimista como ela faz. Porém, Martha tem um percurso bonito e não aparenta ter problema algum em contar para as outras pessoas sobre o seu passado. Foi muito solícita com relação ao projeto e bastante curiosa sobre o curso de Jornalismo, me fazendo várias perguntas e tirando dúvidas. Tivemos dois encontros e ambos tiveram gravação de voz.

### **Crônica 11:**

Ruth é uma menina de 14 anos que é apaixonada por jogos online. Dedicava grande parte do seu tempo aos jogos e ao universo digital. Acredito que esse relato tenha sido um dos que promoveu maior choque geracional em mim. À primeira vista, decidi optar por tratar os jogos como tema principal. Porém, observamos que eu me posicionei, diversas vezes, como alguém que enxerga tudo isso como algo estranho e incompreensível. Assim, decidi explorar melhor outras falas da garota e dar uma nova perspectiva à narrativa. O título “Felizes para sempre” diz muito sobre as expectativas criadas pela personagem em torno dos acontecimentos da vida dela. Tivemos um único encontro, no qual Ruth pareceu impaciente/ansiosa e, apesar de ter consentido para que eu inserisse a história no livro, ela não permitiu que eu gravasse áudio do nosso diálogo. Mas, de forma alguma isso foi algo que me incomodou, até porque tivemos uma conversa bacana, apesar da minha falta de conhecimento no assunto que é o principal para ela (jogos). Acompanho pelas redes sociais, mas não mantivemos contato.

### **Crônica 12:**

Escolhi a crônica “O que você vai ser quando crescer?” como a última do livro, porque a história de Clarice ajuda a ampliar o olhar e dar algum tipo de esperança às garotas que passam pela fase tão conturbada que é o vestibular. Clarice é muito ligada à música e à arte no geral. É uma menina que tem um olhar muito sensível e que se mostrou muito para mim. Esse texto também foi um dos mais demorados de todo o projeto, porque eu acabava escrevendo algo mais próximo de um perfil do que de uma crônica realmente, já que eu tinha muitas informações disponíveis e passíveis de diversos recortes temáticos diferentes. Escrevi três diferentes versões e optei por focar na relação dela com os planos que tem para o futuro. Meu relacionamento com Clarice foi muito fortalecido pelo WhatsApp - tenho áudios gigantescos dela sobre os mais diversos assuntos - e redes sociais, sendo esse um dos fatores que contribuíram para que o processo de escrita tenha se prolongado por tanto tempo, já que eu sempre acabava tendo novas informações sobre ela.

Ao falar sobre o porquê da crônica “O que você vai ser quando crescer?” ser a última do livro, trouxe à tona uma parte muito importante do processo de estruturação do livro: as decisões editoriais tomadas no desenvolvimento do projeto. A começar pelos elementos que definimos como pré-textuais. São, nesta ordem: dedicatória; epígrafe; prefácio (escrito pela convidada e orientadora do trabalho, a professora Karina Gomes Barbosa); sumário e nota sobre a obra. Sobre o último é importante destacar que foi uma decisão conjunta de que

houvesse uma explicação sobre os nomes dados às personagens antes das crônicas, para que o livro não se tornasse um “jogo” de adivinhação e, também, para dar às leitoras algumas possibilidades de leitura, de maneira mais direta e honesta.

As escolhas dos nomes de cada personagem foram uma ideia que tive durante o andamento da escrita. No início, pensei em nomeá-las aleatoriamente, mas em certo momento senti que aquilo não estava funcionando para mim, enquanto escritora, já que me confundia bastante. Então, pensei em uma maneira de me organizar quanto aos nomes fictícios e de, ao mesmo tempo, conferir algum sentido para essa escolha. Assim, surgiu a proposta de trazer nomes de maneira a homenagear grandes mulheres autoras e cronistas da Literatura Brasileira.

Outro ponto importante foi a escolha de me dirigir às leitoras com pronomes e variações no feminino. Isso porque, além de ser um livro para adolescentes, é também um livro para garotas adolescentes. Então, não faria sentido usar o masculino como forma de universalizar essa experiência. Da mesma forma, o fato de, de certa forma, me colocar como personagem das histórias também foi uma decisão editorial, mas que surgiu naturalmente durante a escrita. Assim como Cixous afirma ao falar sobre a forma que a mulher se inscreve em suas falas: “Seu discurso, mesmo “teórico” ou político, não é nunca simples ou linear, ou “objetivado”, generalizado: ela insere na história sua história.” (Cixous, 1975, p. 137) Essa foi a forma que encontrei de me sentir mais próxima das personagens e, também, das leitoras da obra. Também acredito que foi um recurso para demonstrar honestidade e para conferir veracidade às histórias.

É preciso que ela se escreva, porque é a invenção de uma escrita nova, insurgente que, no chegado momento de sua liberação, lhe permitirá efetuar as rupturas e as transformações indispensáveis em sua história, (...) ao se escrever, a mulher fará voltar aquele corpo que lhe confiscaram, o qual tornaram um estranho em seu ninho, o doente ou o morto, e que tão frequentemente é o mau companheiro, causa e lugar das inibições. (...) Escreve-te: é preciso que teu corpo se faça entender. (Cixous, 1975, p. 135-136)

Alguns dos títulos das crônicas foram criados durante a evolução da escrita e outros foram dados após a finalização dos textos. Busquei escolher títulos que conversassem diretamente com o recorte proposto para cada uma das crônicas e que fossem um pouco mais diretos, sem envolver tanta subjetividade, para que, em certa medida, a leitora conseguisse compreender o tema logo de cara. Não acontece em todos eles, mas a maioria deixa bem nítido qual assunto será abordado naquele texto.

Já o critério para criar uma ordem das crônicas no livro foi pensar que a leitura fosse algo que tivesse um início bem marcado, um meio e um final, de modo a fazer sentido à

medida que a leitora avançasse na obra. A escolha da ordem foi uma das últimas decisões tomadas na organização da obra. Refleti bastante sobre como ficaria melhor e, ao ler o livro completo na ordem escolhida, fiquei satisfeita com o resultado. Tive o cuidado de não colocar títulos com perguntas seguidos, ou com alguma palavra em comum, para que ficasse mais agradável visualmente.

Logo após a última crônica, está o posfácio, escrito por mim e decidido que o recorte seria os desdobramentos das vidas das adolescentes em meio à pandemia da Covid-19. Isso porque, foi algo que falei sobre em uma reunião de orientação, sobre a angústia que foi, e ainda é, observar as garotas tendo suas rotinas alteradas tão drasticamente e seus planos interrompidos/adiados/cancelados.

A decisão de trazer os agradecimentos ao final do produto foi baseada em duas coisas. A primeira, na percepção que tive em vários dos livros que li ao longo do último ano e que adotaram esse formato com os agradecimentos ao final. A segunda foi o desejo de haver uma finalização que trouxesse às leitoras um conhecimento maior sobre a história do projeto depois de já tê-lo experimentado, como forma de gerar compreensão e identificação.

A forma com que o sobre a autora foi escrito tenta unir a informalidade do gênero e da produção para jovens garotas e a tradicionalidade desse componente pós-textual do livro. Deste modo, o resultado foi um texto curto e descontraído, que contém as informações mais importantes e que encerram, assim, a obra.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de elaboração e construção do livro de crônicas,<sup>5</sup> apesar de bastante desafiador, foi, também, um momento muito importante de conexão com as histórias e com as personagens desse trabalho. Além disso, foi o desenvolvimento de uma percepção que vai além dos conceitos de adolescência que são veiculados pela mídia hegemônica e que habitam o imaginário fantasioso do universo da cultura *pop*.

Ter em mãos relatos tão diversos, sobre histórias que vão tão além da minha própria visão privilegiada de adolescência, foi um aprendizado e uma provocação necessários para que as crônicas desse livro tentem dialogar diretamente com realidades distintas de várias garotas. Ademais, o objetivo principal é tornar as meninas como sujeitos ativos do processo comunicacional. Assim sendo, o livro não apenas conta histórias sobre adolescentes, mas também para adolescentes. A observação e o diálogo foram pontos norteadores para a produção das crônicas e fonte central de referências sobre o panorama da adolescência brasileira nos dias de hoje.

O procedimento de escuta e escrita, que já não é algo linear, foi atravessado pela pandemia da Covid-19 e pelo isolamento social. Momentos de medo, angústia, aflição, revolta e desespero estiveram presentes em vários momentos de produção do livro, mas não apenas isso, também passaram a fazer parte da vida das garotas que dão vida a essas histórias. Dessa forma, apesar de a maioria das crônicas não serem datadas, sendo somente o prefácio e o posfácio um pouco mais contextualizados com os acontecimentos atuais, cada uma das histórias foi, de alguma forma, parte da conjuntura social e política da contemporaneidade.

---

<sup>5</sup> O ISBN (International Standard Book Number/ Padrão Internacional de Numeração de Livro) da obra já foi obtido e será inserido no livro quando a ficha catalográfica estiver pronta.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assis, Natália Del Ponte de. “**Vadias ou certinhas**”: Estudo psicanalítico sobre o sofrimento de meninas adolescentes. Tese de Pós Graduação para o Programa Stricto Sensu do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2019.

Beauvoir, Simone de. **O segundo sexo: Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

Bourdieu, Pierre. **A Dominação Masculina: A condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: BetBolso, 2016.

Brum, Eliane. Apresentação. In: Brum, Eliane. **O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. 2. ed.: Arquipélago, 2017, p.8.

Candido, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: Candido, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p.13-22.

Castello, José. **Crônica, um gênero brasileiro**. Suplemento literário Rascunho, setembro de 2007. Disponível em:  
<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5545277/mod\\_folder/content/0/Jos%C3%A9%20Castello%20CR%C3%94NICA%20UM%20G%C3%8ANERO%20BRASILEIRO.pdf?forcedownload=1](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5545277/mod_folder/content/0/Jos%C3%A9%20Castello%20CR%C3%94NICA%20UM%20G%C3%8ANERO%20BRASILEIRO.pdf?forcedownload=1)>. Acesso em: 17 ago. 2023.

Cixous, Hélène de. O riso da Medusa. In: Brandão, Izabel et al (Org.). **Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017, p.129-155.

Diaféria, Lourenço. A crônica: algumas considerações em cima do cotidiano. In: Portella, Eduardo, Domício (Org.). **Literatura brasileira: crônica, teatro, crítica**. São Paulo: Norte, 1986.

Freire Filho, João. Em cartaz, as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na revista Capricho. **Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 8, n. 2, agosto de 2006, p.102-111. Disponível em:  
<<https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6124/3299>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

Harris, Anita; Dobson, Amy Shields. Theorizing agency in post-girlpower times. In: Taylor & Francis (Austrália). **Continuum: Journal of Media & Cultural Studies**. Melbourne: Routledge, 2015, p.145-156. Disponível em:  
<<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10304312.2015.1022955>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

de Andrade Lima, Flávia; Joachim, Sébastien. **A adolescência escrita em Marcel Proust, Clarice Lispector e Anne Hébert**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

Medina, Cremilda de Araújo. Microfone para as vozes sufocadas. In: Medina, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática cap. 1 e 2, 1986, p. 5-8.

Nunes, Silvia Alexim. **De menina a mulher, impasses da feminilidade na cultura contemporânea**. Revista Filosofia Capital, v. 3, n. 6, 2008. Disponível em: <<http://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/viewFile/59/52>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

Rich, Adrienne. Quando da morte acordamos: a escrita como re-visão. In: Brandão, Izabel et al (Org.). **Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017, p. 64-84.

Sampaio, Inês Vitorino. **Desafios da pesquisa em comunicação com o foco na criança e no adolescente no Brasil**. Contratempo, Rio de Janeiro, 2005, p.51-65. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17432/11069>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

Sousa, Jorge Pedro. Gêneros jornalísticos: crônica. In: Sousa, Jorge Pedro. **Elementos do Jornalismo Impresso**. Porto: Letras Contemporâneas, 2001, p.288-295.

Mariano, A. F. de C. **Eliane Brum e a arte da escuta**. Em Questão, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 307–322, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/15047>>. Acesso em: 17 ago. 2023.